

ESG como “a nova cara do capitalismo”

ESG as “the new face of capitalism”

Eduardo Alves Rodrigues

Universidade Estadual de Campinas

Cármem Lúcia Hernandes Agustini

Universidade Federal de Uberlândia

Eduardo Alves Rodrigues

Doutor em Linguística pela Unicamp. Pesquisador associado ao Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB) da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisador e vice-líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS- UFU/CNPq). E-mail: eduardoar76@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6818-6647>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4265096924086049>.

Cármem Lúcia Hernandes Agustini

Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora e pesquisadora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS- UFU/CNPq). E-mail: carmen.agustini@ufu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5504-3911>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2810007575519305>.

Recebido em:
08/10/2022

Aceito em:
17/12/2022

MAI / JUL 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 79-94

RESUMO

Ante certa força designada *o imperativo das questões ambientais*, apresenta-se uma diretiva caucionada na metáfora *a nova cara do capitalismo*, em circulação na sociedade de mercado desde o início dos anos 2000. A essa metáfora é atribuída a identidade dada pela sigla ESG (Environmental, Social and Governance, em inglês). A partir dessa conjuntura significativa do modo de produção dominante mundialmente, objetivamos compreender, neste trabalho, como o capitalismo é significado na e pela formação discursiva ESG, considerando a articulação discursiva entre capitalismo e sustentabilidade uma de suas bases fundantes. Para tanto, inscrevemos esse questionamento no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, buscando tornar legível/visível como a referida articulação deriva em outras articulações e latitudes discursivas, por meio das quais torna-se possível a suspensão da evidência segundo a qual o capitalismo funcionaria diferentemente ao absorver tal articulação. Esse questionamento ganha contornos pela análise de recortes produzidos sobre o número especial da MIT Technology Review e da seção do Blog Nubank, ambos dedicados a textualizar a discursividade ESG e, em decorrência disso, a (re)atualizar a contradição entre o fundamento do capitalismo (a obtenção do resultado/lucro a todo custo) e a sustentabilidade da vida social e ambiental.

PALAVRAS-CHAVE

Capitalismo. ESG. Sustentabilidade. Análise de Discurso.

ABSTRACT

In the face of a certain force called “the imperative of environmental issues”, a directive based on the metaphor “the new face of capitalism”, in circulation in market society since the beginning of the 2000s, is presented. To this metaphor is attributed the identity given by the acronym ESG (Environmental, Social and Governance). From this significant conjuncture of the dominant form of organizing production worldwide, we aim to understand, in this work, how capitalism is signified in and through the ESG discursive formation, considering the discursive articulation between capitalism and

sustainability as one of its founding bases. In order to do so, we inscribe this questioning in the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis, seeking to make legible/visible how this articulation derives in other discursive articulations and latitudes, through which it becomes possible to suspend the evidence according to which capitalism would function differently when absorbing such articulation. This questioning takes shape through the analysis of clippings produced on the special issue of MIT Technology Review and on the Nubank Blog section, both dedicated to textualizing ESG discursivity, and, as a result, (re)updating the contradiction between the foundation of capitalism (obtain the result/profit at all costs) and the sustainability of social and environmental life.

KEYWORDS

Capitalism. ESG. Sustainability. Discourse Analysis

1. A questão ambiental e a nova cara do capitalismo

No dia 07 de agosto de 2022, um dos maiores portais de notícias brasileiros, a Folha de S. Paulo Online, noticiou efeitos da crise climática que assola a União Europeia e o México. As manchetes, destacadas no Caderno Mundo, referiam-se a (1) uma seca histórica que afetava 48% do território mexicano, sendo apontada como um dos fatores determinantes para a escalada de violência em várias regiões do país¹, e (2) ondas recordes de calor registradas na Europa como consequência das mudanças climáticas, apontadas como causa da pior seca dos últimos 70 anos, que provocou inúmeros incêndios e mortes no continente². A navegação no portal da Folha permite-nos identificar que a indexação desse tipo de notícia torna acessível ao leitor um arquivo de matérias agrupadas sob o índice “mercado”, que organiza o caderno Economia e que mantém uma seção dedicada ao assunto ESG, objeto simbólico que se apresenta à leitura, ali descrito da seguinte maneira: “algo como melhores práticas ambientais, sociais e de governança” (é assim que a Folha traduz o que significa a sigla, em inglês, para Environmental, Social and Governance³).

Não apenas recorrente em portais de notícias nacionais e internacionais, ESG circula como assunto em alta, especialmente no espaço político-simbólico do universo dito corporativo, ganhando cada vez mais adesão também no universo dito governamental. Nesse modo de circulação, ESG é nomeado por meio de metáforas, entre estas “a nova cara do capitalismo”

1 Vide matéria intitulada “Seca histórica atinge metade do México e leva a espiral de violência e desespero”, traduzida do The New York Times e publicada no Caderno Mundo da Folha, em 07/08/2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/08/seca-historica-atinge-metade-do-mexico-e-leva-a-espiral-de-violencia-e-desespero.shtml>

2 Vide matéria intitulada “Pior seca em 70 anos revela bomba da 2ª Guerra Mundial em leito de rio na Itália”, traduzida da agência Reuters e publicada no Caderno Mundo da Folha, em 07/08/2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/08/pior-seca-em-70-anos-revela-bomba-da-2a-guerra-mundial-em-leito-de-rio-na-italia.shtml>.

3 Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/folha-esg/>.

(MIT Technology Review, julho de 2021)⁴. Essa metáfora em destaque indicia que poderia haver um ponto de (re)produção/transformação do modo de produção capitalista, que é o modo de produção dominante no mundo (CARVALHO, 2013; HARVEY, 2011).

Em termos teóricos, podemos compreender “modo de produção” como a forma por meio da qual os homens produzem seus meios de existência e, dessa maneira, produzem, indiretamente, a sua própria vida material, historicamente determinada pelas condições materiais dessa produção (LOMBARDI, 2014; MARX; ENGELS, 2007). Essa materialidade é produzida, indiretamente, no e pelo funcionamento sócio-histórico-ideológico da linguagem. É material porque, na tensão entre as relações de força que movem a luta de classes no seio da vida social, uma dada significação (uma metáfora na relação com outra(s)) desses meios de existência determina como a vida social pode/deve se estabelecer, ou seja, como a realidade social pode/deve se nos apresentar, imaginariamente, como tal.

Assim sendo, podemos compreender, com base em Pêcheux (1995), que o par (re)produção/transformação designa a estrutura assimétrica da contradição que regula a luta ideológica de classes em uma formação social dada. Essa estrutura corresponde à estrutura de relações de desigualdade-subordinação que ressoa do/no “todo complexo com dominante” das formações ideológicas em funcionamento nessa mesma formação social, pois essa relação de contradição assimétrica é constituída na história. Em outras palavras, a objetividade material da luta de classes é forjada no campo da (re)produção/transformação das relações de sentido.

É nesse campo de disputa que elegemos a metáfora “a nova cara do capitalismo” como objeto discursivo a ser lido, em função da relevância que ganha no processo de dissimulação de um suposto deslocamento do capitalismo como modo de produção dominante no mundo contemporâneo, ou seja, um capitalismo que se apresentaria ao leitor com o estatuto de “novo”, por conseguinte, “diferente”. Podemos adiantar, de saída, que essa dissimulação é (re)atualizada como efeito, por articulações e latitudes discursivas (RODRIGUES, AGUSTINI; BRANCO, 2021) que apresentam algo novo/diferente a partir da repetição do pré-construído “capitalismo” na metáfora “a nova cara do capitalismo”. Na relação entre os significantes “nova” e “capitalismo”, marca-se a contradição. O (velho) “capitalismo” se mantém parafrasticamente em funcionamento. Dissimula-se, dessa maneira, outra suposta organização para as relações de classe, de modo a fazer parecer que a (re)produção da sociedade, do Estado e dos seus sujeitos de direito possam ter se configurado a partir de supostas “evidências naturais” outras. É nesse jogo contradição-dissimulação que construímos o objeto sobre o qual trabalhamos neste artigo: as articulações e latitudes discursivas que apresentam, diante do olhar leitor, o conceito “ESG” como “a nova cara do capitalismo”.

4 Citamos, por exemplo, as seguintes metáforas, que mantêm relação parafrástica com “a nova cara do capitalismo”: “nova fase do capitalismo” (Forbes, 14/08/2021), “a nova face dos negócios” (Veja, 19/04/2021), “o novo capitalismo” (<https://infobase.com.br/esg-o-novo-capitalismo/>), “uma nova forma de fazer negócios” (FIESC, <https://fiesc.com.br/pt-br/imprensa/esg-uma-nova-forma-de-fazer-negocios>), “capitalismo além do lucro” (Exame, 28/01/2021), “capitalismo consciente” (Observatório da Comunicação Institucional, 17/03/2022).

Esse mo(vi)mento discursivo que apresenta o capitalismo “de cara nova” parece obter coesão por meio da dissimulação dos efeitos derivados do próprio funcionamento do capitalismo. Referimo-nos aqui, especialmente, à exploração, à extenuação, à devastação e à destruição do meio ambiente, produzidas em função da expansão e da acumulação de lucros, de capital e de riquezas próprias ao modo de produção capitalista (PIMENTEL, 2022; MARQUES, 2018; LÖWY, 2013; OURIQUES, 2004). Por esse mecanismo de dissimulação mesmo, o capitalismo reabsorve esses efeitos trabalhando-os discursivamente de modo a ressignificá-los e rerepresentá-los como mercadorias, movimentando, dessa maneira, outros trajetos que levam à continuidade da expansão e da acumulação que o caracterizam. É desse modo que o meio ambiente passa a significar e a circular, também, como *moeda de giro* destinada a (re)aquecer, nas e pelas bases capitalistas, o mercado/a economia.

Nessa perspectiva, a evidência de ameaça iminente de colapso das condições de existência humana é produzida discursivamente, em função do iminente colapso ambiental. São muitos discursos que significam o colapso ambiental na relação, por exemplo, com fatos cientificamente levantados e comprovados, como o aquecimento global, o aumento dos níveis de poluição do ar, das águas e dos solos, processos de desertificação e redução das áreas de florestas, derretimento das calotas polares etc. Essa evidência de colapso também é apontada como resultado do modo de produção capitalista, que visa ao lucro em detrimento da recuperação/preservação do meio ambiente e, por conseguinte, da recuperação/preservação da vida.

É nessa conjuntura que as questões ambientais são apresentadas como questões incontornáveis, funcionando, por isso, como imperativo. Dessa maneira, o imperativo das questões ambientais constitui, por um lado, certa força social, histórica e ideológica que pressiona o capitalismo a deslocar-se de sua historicidade. Por outro lado, esse imperativo é reinscrito na ordem desse modo de produção como substrato que deve impulsionar suas engrenagens de modo a promover sua continuidade e manter sua dominância sobre as condições materiais de existência.

Em decorrência do exposto, o imperativo das questões ambientais funciona como caução argumentativa à necessidade de travestir o capitalismo com *uma nova cara*. Desde o início dos anos 2000, essa *nova cara do capitalismo* vem sendo *comercializada* no mercado a partir de um conceito forjado na e pela sigla ESG: E refere-se à Environment (traduzível como meio ambiente); S refere-se à Sociability (traduzível como sociabilidade); e G refere-se à Governance (traduzível como Governança). Analisamos, na próxima seção, como a sigla (re)atualiza certo funcionamento equívoco, no modo como é disputada a partir de diferentes movimentos de interpretação, ou seja, como a sigla ESG (se) movimenta (n)os limites de diferentes formações discursivas, indiciando, por sua vez, o estabelecimento de outra formação discursiva – a FD ESG – trabalhando (n)os limites da FD capitalista.

Em Análise de Discurso, podemos conceituar formação discursiva (FD) como uma região do dizer que determina, na relação com outras regiões, o que pode/deve ser dito. Uma dada FD fornece, assim, os saberes, as evidências, os pré-construídos historicizados que são a matéria-prima de articulações e latitudes (inter)discursivas. Essas articulações e latitudes (inter)

discursivas, por sua vez, constituem, imaginariamente, os limites dessa FD e são (re)atualizadas materialmente no fio do discurso. No caso da formação discursiva ESG, analisamos como o pré-construído *capitalismo* se apresenta na metáfora *a nova cara do capitalismo*.

Para trabalharmos como o ESG funciona travestido na *nova cara do capitalismo* e como a contradição-dissimulação de tal funcionamento significa, pinçamos dois objetos simbólicos do grande arquivo ESG, constituído na e pela dispersão de variadas textualidades que circulam em nossa sociedade, em particular por meio de mídias digitais: um deles é o número especial da MIT Review of Technology, edição de julho de 2021⁵, intitulada com a metáfora *a nova cara do capitalismo*. Na relação com os materiais do referido arquivo, a edição especial de MIT Review of Technology, publicação editorialmente independente do Massachusetts Institute of Technology, pode ser lida como uma espécie de texto síntese – circulando como manual, texto-referência – sobre ESG, especialmente se, para possíveis leitores da revista, fizer sentido a articulação discursiva que sustenta o modo como ela própria se descreve: *a maior publicação de tecnologia e negócios do mundo*⁶.

O outro objeto pinçado por nosso dispositivo analítico é constituído pelo conjunto de publicações sobre ESG, disponíveis no blog <https://blog.nubank.com.br/esg-o-que-e/>⁷, que procuram responder ao seguinte questionamento: *o que a sigla ESG quer dizer sobre uma empresa?*. Essa entrada à discursividade ESG através do blog remete-nos à discursividade que o setor financeiro, especialmente bancos e startups financeiras, produz sobre a questão.

Além disso, o número especial da MIT Review of Technology (MITRT) estrutura-se, predominantemente, a partir de uma articulação argumentativa que coloca em relação citações que marcam posições discursivas sobre o ESG, antecedidas ou seguidas por comentários editoriais a essas citações, produzindo, dessa maneira, o efeito editorial de apresentar diferentes perspectivas sobre determinado objeto/assunto. No caso desse número especial, qualquer posição contrária ao ESG é significada como não alinhada à nova identidade do capitalismo de hoje, portanto desalinhada dos valores e práticas que o capitalismo financia a partir dessa faceta identitária. O blog blog.nubank.com.br/esg-o-que-e/ (BNUESG), por sua vez, estrutura-se como uma FAQ (Frequently Asked Questions), circunscrevendo seu leitor – a exemplo da MITRT – a um conjunto restrito e aparentemente inequívoco de coisas a saber sobre ESG.

A seguir, inscritos na Análise de Discurso de filiação ao trabalho fundador de Michel Pêcheux e com base nos objetos selecionados, empreendemos uma experimentação teórico-metodológica sobre o funcionamento da discursividade ESG em dois movimentos. No primeiro, procuramos

5 Disponível em: https://mittechreview.com.br/wp-content/uploads/2021/07/trbr_special_edition_salesforce_25062021.pdf. Acesso em: 03 de out. de 2022.

6 A revista também se reconhece como uma “empresa digital de mídia independente cujas análises, recursos, avaliações, entrevistas e eventos explicam o impacto comercial, social e político das novas tecnologias” (cf. perfis brasileiros do twitter e do instagram da revista/ empresa, disponíveis, respectivamente, nos endereços: <https://twitter.com/mittechreviewbr> e <https://www.linkedin.com/company/mittechreviewbr/?originalSubdomain=br>).

7 Acesso em: 03 de out. de 2022.

compreender como se estrutura a formação discursiva ESG, ou seja, expor ao olhar leitor as discursividades que fornecem as articulações e latitudes que sustentam *a nova cara do capitalismo* como evidência ideológica. No segundo, explicitar como a articulação entre capitalismo e sustentabilidade produz como efeito um diálogo inaudível, pois trata-se de um diálogo (des) estruturado pela divergência (*aumento de lucro vs. diminuição do lucro*) e pela contradição (*o capitalismo não encampa a sustentabilidade*, já que capitalismo *implica lucro* e sustentabilidade *implica investimento/gasto de dividendos*, logo a suposta convergência indiciada pela conjunção e dissimula essa contradição).

2. A formação discursiva ESG

2.1. No “novo” capitalismo, o meio ambiente é a bola da vez

A formação discursiva ESG sustenta-se em sentidos que colocam em evidência a articulação discursiva “o meio ambiente é a bola da vez” (MITRT, 2021, p. 3). Essa articulação é trabalhada em latitudes discursivas que fornecem como evidência “mais compromisso com a pauta ambiental” como orientadora ideológica do posicionamento tanto de companhias em geral quanto de “consumidores e atores do mercado” (MITRT, 2021, p. 3). Estes últimos seriam aqueles que, em pesquisas de mercado, declarariam “optar por investimentos sustentáveis” (MITRT, 2021, p. 3), ou seja, investimentos operados por modelos de governança que seriam capazes de reduzir impactos sociais e ambientais por parte, em especial, da atividade empresarial (o dito segundo setor da sociedade).

É nessa direção, por exemplo, que uma das formas possíveis de se ler ESG seria “critério para investimentos” (BNUESG), determinado por meio da identificação de “melhores práticas ambientais, sociais e de governança de um negócio” (BNUESG). É isto que parece estar em jogo quando a sigla ESG é posta em circulação para designar a nova cara/identidade do capitalismo: trata-se de um movimento de nomeação que coloca em evidência determinado nicho de investimentos. Este é assim descrito para facilitar – direcionar – o fluxo de investidores e consumidores também identificados na e pela articulação ideológica segundo a qual eles estariam *comprometidos com as questões sociais e ambientais*.

No número especial da MIT Review of Technology, um dos modos de inscrição desse jogo entre a articulação discursiva “o meio ambiente é a bola da vez” e a latitude discursiva suprarreferida fica indiciado no recorte a seguir, que reproduz uma das citações de autoridade⁸ a partir da qual a posição ideológica da revista se cauciona.

8 Compreendemos que a designação dos lugares sociais, presente nas citações que estruturam a formulação do número especial da MIT Review of Technology, produz como efeito uma projeção de autoridade para os locutores ali citados. Funciona aqui um jogo de imagens segundo o qual a posição ocupada pelos locutores os autorizaria a falar sobre ESG; e, em decorrência disso, essa fala é assumida/aceita pela revista como um dizer de autoridade. Essa compreensão nos levou a descrever essas citações como “citações de autoridade”.

Fundador e CEO da Salesforce, Marc Benioff, tem como **declarada** a meta do carbono zero a ser alcançada na empresa, um desafio imenso para uma companhia do ramo de software. Como *a emissão de carbono é inerente ao setor de tecnologia, o “contra-ataque” foi fazer parte da iniciativa One Trillion Trees, que prevê o plantio de 1 trilhão de árvores até 2030.*

A contribuição da Salesforce se dá de duas formas. *Uma delas é fornecer a tecnologia para o desenvolvimento do UpLink, uma plataforma digital produzida em parceria com o Fórum Econômico Mundial (WEF [...]), a Microsoft e a Deloitte. O objetivo é promover meios para que empreendedores, especialistas e outros atores consigam apresentar ideias e inovações alinhadas ao avanço das Metas de Desenvolvimento Sustentável do WEF.*

A segunda forma de [...] *agir é “simples”: plantar 100 milhões de árvores ao longo desta década, sendo que em março de 2021 alcançou 10% deste objetivo. “Nós continuamos a proteger nosso planeta. A Salesforce opera com a energia que produz todos nossos produtos são carbono neutros (sic). [...] seguimos atrás da meta de alcançarmos 100% de energia renovável até o ano fiscal de 2022”, disse Benioff, em carta assinada em abril a stakeholders da companhia (MITRT, 2021, p. 3, grifo nosso).*

A leitura dessa citação relacionada às *boas práticas de ESG*⁹ a serem adotadas pelas empresas, descritas no blog, permite-nos a compreensão de que caberia a cada empresa interpretar como se daria sua inscrição na formação discursiva ESG, que funciona como articuladora de memória(s) que (re)inscreve(m) o meio ambiente como *a bola da vez*, ou seja, como ativo gerador/catalizador de investimentos e lucros. Nessa perspectiva, o meio ambiente supostamente deixaria de ser significado como algo que se destrói para a obtenção de lucro e passaria a ser significado como um tipo de ativo financeiro, isto é, commodity: mercadoria (a ser) negociada visando ao lucro.

No caso da Salesforce, *a meta do carbono zero* é apresentada como uma declaração de intenção e *fazer parte da iniciativa One Trillion Trees* é apresentada como uma forma de “contra-ataque” efetivamente posto em ação. Esse é o modo como essa empresa imagina inscrever-se na discursividade da sustentabilidade, o que seria suficiente para certificar-se como uma empresa sustentável no espaço político-simbólico de funcionamento da formação discursiva ESG e de circulação da discursividade ESG.

O uso das aspas no termo “contra-ataque” indicia a inscrição/passagem do(s) sentido(s) e, por conseguinte, do sujeito por outras formações discursivas (FD). Seja na FD militar, seja na FD esportiva, “contra-ataque” evoca a significação de que houve uma inversão na situação desfavorável de “ataque”, na qual se passa da defensiva para a ofensiva a fim de destruir a força atacante ou impedir o adversário de armar defesa. Em relação à Salesforce, podemos dizer que a empresa significa sua entrada na discursividade ESG como uma estratégia de combate. No caso, a empresa estaria combatendo (contra-atacando) o que ela significa como “ataque”, ou seja, a cobrança pela redução da emissão de CO₂. Assim significado, há a pos-

9 No blog.nubank.com.br/esg-o-que-e/, são destacadas as seguintes práticas: (1) adotar um planejamento de medidas sustentáveis de impacto ambiental e social positivo; (2) definir indicadores-chave de desempenho (KPI) na estrutura de decisões – ou seja, não só planejar medidas sustentáveis, mas saber medir seu sucesso; (3) estimular uma cultura corporativa mais preventiva em relação à reativa; (4) ter um corpo de lideranças engajado para as iniciativas sustentáveis; e (5) compartilhar as iniciativas voltadas a ESG para comunicá-las a clientes e investidores.

sibilidade de apontarmos para a interpretação segundo a qual as ações de sustentabilidade por ela realizadas não decorreriam de uma *conscientização* relativa ao imperativo das questões ambientais, mas da necessidade de manter e ampliar sua atuação no mercado, logo seu objetivo permaneceria sendo a obtenção de lucro.

Na textualidade da citação, por sua vez, produz-se discursivamente o deslize da declaração (meta do carbono zero) para a ação (plantar trilhões de árvores). Esse deslize pode fazer significar que a empresa já estaria fazendo a sua parte em relação à questão ambiental e que, por isso, os investidores/consumidores comprometidos com a pauta ambiental encontrariam nela uma parceira de causa. Cabe dizer, porém, que, para uma empresa de setor altamente poluente, plantar trilhões de árvores não produz o mesmo impacto financeiro que reduzir a taxa de emissão de carbono a zero, porque, para essa empresa, o investimento em sustentabilidade plantando árvores não demandaria o mesmo investimento que demandaria a redução da emissão de carbono a zero, já que, para essa meta ser alcançada, seria necessário empregar investimentos em pesquisas, produção de tecnologias específicas, replanejamento de ações e estratégias, contratação de especialistas etc.

Ainda em relação à citação, vale notarmos que a ação de *fornecer tecnologia*, adotada pela Salesforce, embora possa ser interpretada como *bem-intencionada*, relativiza a inscrição da empresa na discursividade ESG, uma vez que é inerente à sua atividade como empresa do setor de tecnologia a emissão de carbono. Essa relativização abre à leitura o funcionamento da contradição entre o fundamento do capitalismo (a obtenção do resultado/lucro a todo custo) e a sustentabilidade da vida social e ambiental (que requer, para garantir a vida, a busca por formas de minimizar os impactos da emissão de carbono no meio ambiente, a construção de um mundo mais justo e responsável para as pessoas em seu entorno e a produção de melhores processos de administração (BNUESG)).

No caso da Salesforce, essa contradição é dissimulada pelo plantio em larga escala de árvores, o que lhe permitiria declarar que seus produtos são carbono neutro. A empresa justifica assim sua atividade e sua existência por investir no cumprimento de supostas metas de sustentabilidade, no entanto seu modo de produção continua poluindo e degradando o meio ambiente e a vida social. E mais: declarar que seus produtos são carbono neutro com base no plantio em larga escala de árvores silencia a discursividade científica que afirma que certa quantidade de oxigênio produzida pelas florestas e pelas árvores é utilizada no processo de respiração das próprias árvores; por conseguinte, acreditar que as árvores seriam as grandes responsáveis pela produção do oxigênio do planeta é uma falácia, o que não invalida a necessidade premente de manter e/ou recuperar as áreas de floresta e o plantio de árvores nos espaços sociais, sejam estes urbanos, sejam rurais, já que a destruição de florestas e árvores produz quantidade significativa de gás carbônico (Blog Escola Kids/Ciências/Produção de oxigênio pelas algas e árvores, Portal UOL¹⁰).

A metáfora *a nova cara do capitalismo* é produzida na conjuntura em que a emissão de gás carbônico por meio de desmatamentos e queimadas é apontada como a grande causa do aquecimento do planeta e, em decorrência disso, da intensificação da ocorrência de eventos climáticos extremos, o que coloca em xeque as condições materiais necessárias à preservação da vida. Acontece que, se a preservação da vida é ameaçada, o capitalismo também é ameaçado, dado que o consumo e a necessidade de produção podem ser afetados negativamente. Daí o trabalho no nível do simbólico, por parte do capitalismo, que produz no interior de sua formação discursiva a articulação discursiva *o meio ambiente é a bola da vez*, de modo que essa evidência passa a compor a memória discursiva que sustenta a discursividade ESG. Ao mesmo tempo, o capitalismo produz um trabalho no nível do silêncio que silencia as discursividades que indiciam a contradição entre o fundamento do capitalismo e o fundamento da sustentabilidade e que, no interior da qual, plantar árvores não implicaria necessariamente a redução/extinção da emissão de CO₂.

Esses trabalhos no nível do simbólico e no nível do silêncio produzem a possibilidade de neutralização (da emissão de carbono) como efeito de evidência, sob a forma do índice “carbono neutro”. Nessa perspectiva, o próprio carbono é transformado em mercadoria, e ofertado às empresas sob a forma de *créditos de carbono*. Assim, uma alternativa ao plantio de milhares de árvores por parte das empresas seria a obtenção do selo ESG por meio da compra desses créditos. Esse selo pode funcionar como um dos critérios a serem considerados para que uma dada empresa consiga atrair investidores/consumidores comprometidos com a causa ambiental, porque atribuiria a essa empresa uma espécie de certificado de “administração com saldo positivo no impacto social e ambiental” (BNUESG).

Diante do exposto, podemos compreender que, no funcionamento da formação discursiva ESG, a nova cara do capitalismo, dissimula o fato de que o capitalismo permanece funcionando na sua lógica fundante, já que o meio ambiente é significado como *a bola da vez* para expansão e acumulação de lucros, capital e riquezas. Veremos, a seguir, que também é possível compreendermos que o impacto financeiro produzido sob essa falsa faceta do capitalismo não implica necessariamente em impacto positivo sobre a sociedade e sobre o meio ambiente.

2.2. ESG como índice de “impacto”

Outra metáfora que direciona a interpretação *a nova cara do capitalismo* na e pela sigla ESG funciona a partir do significante *impacto*, fazendo a sigla funcionar como seu índice. É dessa maneira que lemos *índice de impacto – de/nos/para investimentos –* como uma latitude da formação discursiva ESG, que produz “relações de dis-tensão-(re)arranjo no/do fio discursivo” (RODRIGUES; AGUSTINI; BRANCO, 2021, p. 16) sobre o qual se descreve/interpreta a sigla ESG. Essas relações movimentam os sentidos, fazendo o significante *impacto* deslizar metafórico-metonimicamente na discursividade ESG. Analisemos esse movimento neste outro recorte:

O que a sigla ESG *quer dizer* sobre uma empresa?
[...] é usada para se referir às *melhores práticas ambientais, sociais e de governança* de

um negócio – mas também pode ser um *critério para investimentos*.

[...] um *conjunto de diretrizes e recomendações para concretizar boas práticas ambientais, sociais e de governança* dentro das organizações, trazendo *impactos positivos para a sociedade como um todo*.

Um estudo realizado pela consultoria BCG [...] mostrou que empresas que *adotam melhores práticas ambientais, sociais e de governança* veem *diversos impactos positivos*, como maior *lucratividade* e até uma melhora em seu *valor de mercado* ao longo do tempo.

Em outras palavras, *negócios que se comprometem com as melhores práticas de gestão acabam tendo uma operação mais sustentável em diversos aspectos, incluindo o econômico e na gestão de riscos* – e, como consequência, geram resultados melhores ao longo do tempo.

Afinal, o que é ESG?

ESG é a sigla [...] geralmente *usada para medir as práticas ambientais, sociais e de governança de uma empresa*.

ESG pode ser usado para *dizer quanto um negócio busca formas de minimizar seus impactos no meio ambiente*, construir um mundo mais justo e responsável para as pessoas em seu entorno e *manter os melhores processos de administração*.

Qual o objetivo de ESG?

[...] *direcionar os caminhos para as empresas a partir de princípios relacionados com seu impacto ambiental, esforços anticorrupção, direitos humanos e trabalho, conciliando os lucros com a responsabilidade social, administrativa e com o meio ambiente*. Desta forma, as iniciativas ESG ajudam a compreender quais são os fatores positivos e negativos de uma empresa ao longo da sua operação, oferecendo uma direção para que a partir dessas práticas elas caminhem para *uma administração com saldo positivo no impacto social e ambiental*. Além disso, as práticas ESG corroboram para a concretização dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, instituídos pela ONU em 2012 (BNUESG; grifo nosso).

A leitura do recorte permite a compreensão de que a sigla ESG não somente *diria/apontaria/indicaria*, mas também *mediria* como as práticas ambientais, sociais e de governança de uma empresa podem impactar positivamente sua lucratividade e valor de mercado. Fica *dito/apontado/indicado*, também, que essas práticas, ao produzirem impacto financeiro (maior lucratividade e maior valor de mercado), impactam, por conseguinte, a sociedade como um todo, especialmente o meio ambiente.

Por contraste, a leitura de outro recorte permite acrescentarmos que a sigla indicia que a produção de impactos – financeiros, sociais e ambientais – positivos decorreria de certo *comprometimento* por parte da empresa, inscrita na discursividade ESG, em “operar de forma mais sustentável em termos ambientais, sociais e de governança” (BNUESG). Além disso, permite acrescentarmos, ainda, que operar de forma mais sustentável implica operar de forma alinhada aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas, para se atingir as metas da Agenda 2030¹¹.

11 A Agenda 2030 resulta de um compromisso firmado pelos 193 Estados-membros da ONU que compuseram a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável de 2015. Esse compromisso se dá sobre um conjunto de metas que visam ao alcance da dignidade e da qualidade de vida para todos os seres humanos do planeta, sem comprometer o meio ambiente e as gerações futuras (cf. <https://www.internacional.df.gov.br/agenda-2030-objetivos-do-desenvolvimento-sustentavel/>). A agenda é organizada em 17 eixos, denominados objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS): (1) erradicação da pobreza; (2) fome zero e agricultura sustentável; (3) saúde e bem estar; (4) educação de qualidade; (5) igualdade de gênero; (6) água potável e saneamento; (7) energia limpa e acessível; (8) trabalho decente e crescimento econômico; (9) indústria, inovação e infraestrutura; (10) redução das desigualdades; (11) cidades e comunidades sustentáveis;

Disso decorre a compreensão de que, por um lado, impactar positivamente a sociedade e o meio ambiente é significado como compromisso, meta a ser atingida (por meio de um esforço de cooperação global, diga-se de passagem, ainda não articulado). Por outro lado, impactar positivamente as finanças de uma empresa não é significado como um compromisso, mas como objetivo principal da operação das empresas. *Positivamente*, neste caso, pode ser lido como *de modo a ampliar a expansão e a acumulação* de lucros, capital e riquezas.

Nessa conjuntura semântica, o significante *impacto* indicia certa concorrência significativa no e pelo funcionamento da contradição entre visar ao lucro (impacto financeiro positivo) e visar à recuperação/preservação ambiental e ao bem-estar social (impacto ambiental e social positivos). O contraditório como fato, aliás, fica exposto quando se afirma, no recorte, que um dos objetivos que a discursividade ESG coloca seria conciliar *os lucros com a responsabilidade social, administrativa e com o meio ambiente*. Tal exposição se dá pelo modo como o significante *conciliar* (re)atualiza certo trabalho discursivo de construção de uma relação de aliança entre formações discursivas que historicamente mantêm entre si certa relação de antagonismo.

Dessa maneira, podemos dizer que é sobre *conciliar* que o dito *novo capitalismo* trabalha ao funcionar ideologicamente dissimulando esse antagonismo, fazendo parecer possível que, nesse modo de produção, a produção/expansão do lucro e a recuperação/preservação socioambiental poderiam convergir por meio de uma relação proporcional direta. É esse pré-construído – o da relação proporcional direta – que o mercado (re)inscreve em suas discursividades que visam colocar em relação a atividade empresarial e a atividade socioambiental como uma *mercadoria-combo*. Em outro recorte, essa suposta conciliação é assim parafraseada: “se engana quem pensa que é obrigatório escolher entre construir um mundo mais sustentável ou ter bons resultados financeiros em uma empresa” (BNUESG). Nessa perspectiva, seria a atividade de governança (o G da sigla ESG) lida como direcionamento administrativo estabelecido pela empresa, a responsável por arquitetar e operar essa conciliação como algo possível.

É esse funcionamento discursivo que produz como efeito essa conciliação que faz o significante *impacto* deslizar metafórico-metonicamente na discursividade ESG, de tal modo que *impacto socioambiental positivo* implicaria, proporcionalmente, *impacto financeiro positivo*. Por conseguinte, quanto mais impacto socioambiental positivo maior o impacto financeiro positivo. Por isso, impacto socioambiental positivo é (re)lido no mercado como *critério para investimentos*, conforme lemos no recorte. É desse modo, portanto, que o mercado convida as empresas a se inscreverem na discurs-

(12) consumo e produção sustentáveis; (13) ação contra a mudança global do clima; (14) vida na água; (15) vida terrestre; (16) paz, justiça, e instituições eficazes e (17) parcerias e meios de implementação. De forma breve, faz-se necessária uma advertência sobre a Agenda e seus 17 ODS: mundialmente, as atividades no âmbito da agricultura, indústria, inovação, infraestrutura, consumo e produção são desigualmente realizadas e, de modo geral, produzem impacto ambiental e social negativos já que, via de regra, são atividades degradadoras do meio ambiente e das condições materiais de existência. Ao mesmo tempo, e contraditoriamente, essas mesmas atividades destacadas fornecem, desigualmente, certas condições materiais de existência.

sividade ESG.

Daí dizermos que o significante *impacto* desliza metafórico-metonicamente na discursividade ESG. O deslizamento metafórico se dá porque *impacto* desliza para *lucro* (positivo), ao mesmo tempo que desliza para *recuperação/preservação* (socioambiental). Metonimicamente, por um lado, a atividade empresarial é reduzida a *lucro* (é o *impacto* que importa às empresas); por outro lado, meio ambiente e sociedade são reduzidos a um conjunto de ações que os atingem sempre pontualmente: nos objetos em análise, em particular, no número especial MIT Review of Technology, as ações que, metonimicamente, fazem parecer que o meio ambiente e a sociedade, em sua complexidade, são recuperados/preservados, por exemplo, por *plantar trilhões de árvores, distribuir cestas básicas, trabalho voluntário e fornecer tecnologia*.

Esse partitivo metonímico não desloca, não silencia o fato de que as atividades empresariais são atividades também degradadoras do meio ambiente e das condições materiais de existência. Daí a formulação que intitula o blog questionar “o que a sigla ESG quer dizer sobre uma empresa?” (grifo nosso). Esse modo de formular indicia esse não deslocamento, esse não silenciamento, porque a presença do verbo volitivo *querer* faz significar que se trata somente de um desejo, mas não de algo realizável/realizado, na seguinte interpretação: não que a recuperação/preservação socioambiental não seja realizável, ela não é ainda, de fato, prioridade para o (novo) capitalismo.

Como explorado nesta análise, o *novo* capitalismo trabalha discursivamente a realidade socioambiental também como mercadoria. Em outras palavras, travestir-se de novo é o modo como o capitalismo responde socialmente às pressões de “clientes empresariais e consumidores comuns [que] cobram ações efetivas por parte de empresas [...] por abandonar o modelo do resultado a todo custo” (MITRT, 2021, p. 2).

3. Capitalismo e sustentabilidade: um diálogo “inaudível”

Tomando o pensamento de Pêcheux (1995, p. 190) como base, podemos dizer que a produção da discursividade ESG, da qual deriva a evidência/metáfora *a nova cara do capitalismo*, não se dá separada da história da luta de classes; portanto, essa discursividade não coincide com o advento do lado bom do capitalismo, como se suplantasse, por oposição, o seu lado mau. É por isso que a discursividade ESG não pode ser pensada como inovação; ela deve ser pensada como efeito de um processo histórico determinado, em última instância, pelo próprio modo de produção dominante, ou seja, pelo próprio capitalismo.

A discursividade ESG pode ser lida como essa resposta *inovadora*, que, no entanto, resulta do idealismo capitalista que recusa/rechaça, intentando pôr em silêncio, as posições contrárias que insurgem contra o capitalismo, seus discursos, seu poder, sua força. Essas posições contrárias (d) enunciam a exploração socioambiental capitalista e a necessidade urgente de reestruturação dos modos materiais de produção da existência (da vida social, da vida natural).

A especificidade do funcionamento da formação discursiva ESG é tornar inaudíveis os efeitos que nela se (re)inscrevem como contradição. A discursividade ESG é determinada, em suas condições de constituição e de circulação, pelas condições de (re)produção/transformação do modo de produção dominante, o que a torna uma forma de expressão dos interesses do capital, evocada inelutavelmente como o possível a ser feito, como se essa discursividade ESG fosse a contraparte do capitalismo, um seu “efeito Münchhausen” (PÊCHEUX, 1995). Ou seja, diante de formações discursivas que colocam em xeque o modo de produção capitalista, o capitalismo busca antecipar-se ao seu colapso e, eventualmente, impedi-lo. Faz parte desse esforço (re)inscrever em seus discursos a discursividade ESG como um modo de conciliação entre formações discursivas antagônicas, em concorrência por significar, dissimulando, especialmente, o pré-construído *o lucro a todo custo*.

O *efeito Münchhausen*, nesta perspectiva, corresponderia ao movimento semântico operado pelo capitalismo de tentar salvar-se “absorvendo” em si a exterioridade que lhe confronta. Esse efeito produz como origem *a nova cara do capitalismo* do próprio capitalismo. Dessa maneira, torna-se possível rechaçar a interpretação segundo a qual a nova cara do capitalismo poderia ser lida como um gesto de *minha culpa* do próprio capitalismo.

Inspirados ainda em Pêcheux (1981), podemos dizer que essa relação de aliança que a discursividade ESG produz entre o fundamento do capitalismo (a obtenção do resultado/lucro a todo custo) e a sustentabilidade da vida (socioambiental) não constitui nem um artilo estratégico nem um confronto ao problema determinado como o imperativo das questões ambientais, mas um diálogo inaudível entre a formação discursiva capitalista e a formação discursiva socioambiental no processo da luta de classes. O capitalismo brilha por trás da discursividade ESG.

Vejamos, no próximo recorte, como a contradição faz furo na suposta relação de aliança entre o fundamento do capitalismo (a obtenção do resultado/lucro a todo custo) e a sustentabilidade da vida (socioambiental) propalada por meio da discursividade ESG.

‘O que a gente busca é utilizar toda a comunicação e a tecnologia para dar transparência e evidência. Procuramos publicar relatórios de todas as empresas certificadas pelo Imaflora. Expomos um resumo público das ações, relatórios de performance, em que estágio cada cadeia está’, explicou Marina Piatto, que é Secretária Executiva do Imaflora.

Para Marina, o problema não é alcançar resultados aquém dos previstos, mas não ser transparente. ‘As empresas devem mostrar exatamente o tamanho da ação e contar o que foi feito. [...] É uma questão de mostrar dados e fatos’, afirmou.

‘[...] Eu vejo empresas se transformando por causa do capital’, afirmou Carvalho, em webinar promovido pela Fundação Getúlio Vargas. O especialista, porém, fez a ressalva de que políticas de sustentabilidade devem ser adotadas na mesma proporção que anunciadas. ‘O que eu acho que é inegociável é quando empresas se aproveitam desse momento para fazer o greenwashing, que é você somente dizer que está fazendo. Ou fazer muito pouco enquanto potencializa na esfera da comunicação como se estivesse fazendo a diferença. [...]’, pontuou Carvalho (MITRT, 2021, p. 4-5, grifo nosso).

[...]

É verdade que hoje o sistema parece à beira da transformação, mas não da maneira que Keynes esperava. O destino da geração Z deveria ser o de aproveitar uma vida de lazer e criatividade. Em vez disso, eles se preparam para salários estagnados e uma

crise ecológica (MITRT, 2021, p. 8, grifo nosso).

É sabido que um dos trunfos do capitalismo é fazer uso das estratégias de comunicação e das tecnologias para manipular dados e fatos a seu favor. No recorte, fica explicitado que boa parte das ações anunciadas pelas empresas como destinadas a produzir impacto socioambiental positivo apresentam *resultados aquém dos previstos*, sendo, no entanto, potencializados *na esfera da comunicação como se estivesse[m] fazendo a diferença*, prática nomeada como *greenwashing*.

Compreendemos, dessa maneira, que as políticas de sustentabilidade pouco importam, uma vez que *o problema não é alcançar resultados aquém dos previstos, mas não ser transparente*, ou seja, o que está em questão é *mostrar dados e fatos*, em vez de realizar ações efetivas de recuperação/preservação socioambiental. Isso mostra certo deslocamento discursivo da discursividade ESG, que apregoa uma ação de recuperação/preservação como necessária, para uma discursividade propagandística, que trabalha a imagem da empresa a despeito dos resultados obtidos e que se configura como índice do funcionamento contraditório da formação discursiva ESG descrito anteriormente.

No recorte, aliás, a possibilidade de transformação é descrita como algo no horizonte (*o sistema parece à beira da transformação*), porém jamais é produzida efetivamente. Ao contrário, o efeito desse funcionamento acirra o fundamento capitalista – o lucro a todo custo –, e, como consequência, a dita geração Z (nascidos entre o final dos anos 90 até 2010), por um lado, deve enfrentar *salários estagnados e uma crise ecológica*. Por outro lado, as gerações que já se encontram nos postos de trabalho já experienciam, por exemplo, (1) a diferença entre produtividade e remuneração: “de acordo com o Instituto de Política Econômica (em inglês, EPI), enquanto a produtividade do trabalhador aumentou 69,6% entre 1979 e 2019, o salário por hora aumentou apenas 11,6%” (MITRT, 2021, p. 10); e (2) más condições de trabalho: “trabalhadores que fabricam peças para iPhones foram expostos a produtos químicos tóxicos; a gigante fabricante taiwanesa Foxconn está regularmente no centro das atenções por más condições de trabalho” (MITRT, 2021, p. 10).

4. Palavras finais

Os recortes aqui analisados indiciam, portanto, o funcionamento da contradição produzindo como efeito o jogo entre a evidência do absurdo e o absurdo da evidência (RODRIGUES, AGUSTINI, BRANCO, BARROS, 2020), movimentando, nas palavras de Pêcheux (1995), “a mistura de absurdo e de evidência, o retorno do estranho no familiar” (PÊCHEUX, 1995, p. 155), que é possível ser lida como *a nova cara do capitalismo no capitalismo*. Nessa perspectiva, tanto a evidência do absurdo (*um capitalismo sustentável*) quanto o absurdo da evidência (*uma relação de aliança entre capitalismo e sustentabilidade*) acirram o retorno do estranho (o novo capitalismo) no familiar (capitalismo), con-fundindo o olhar leitor para lhe apresentar “sub-repticiamente [sic] um novo ‘pensamento’” (PÊCHEUX, 1995, p. 111), forjado no interior da discursividade ESG, qual seja, o *capitalismo sustentável* ou,

ainda, *a sustentabilidade do/no capitalismo*. Ainda nessa perspectiva, esse *novo pensamento* dissimula ideologicamente o fato de que sustentabilidade e capitalismo se mantêm inconciliáveis nas atuais condições materiais da existência.

Nessa direção, a análise realizada permitiu compreendermos que o capitalismo preserva sua identidade como capitalismo na formação discursiva ESG, aí forjado sob a aparência de um novo capitalismo. Nessa FD, a evidência do novo é produzida na articulação com uma suposta nova identidade, aquela que incorporaria nos limites da FD capitalista a questão da sustentabilidade da vida (socioambiental). Essa evidência deriva esse novo pensamento como uma latitude discursiva que dissimularia certo deslocamento na FD capitalista. Esse deslocamento, entretanto, permanece irrealizado. Esse funcionamento, assim descrito, produz como efeito certa caução argumentativa por meio da qual o velho capitalismo aparece travestido de novo no fio discursivo.

Como poderia ter dito Leibniz (*apud* PÉCHEUX, 1995, p. 111), muitas vezes, esse “novo pensamento” – construído na e pela articulação de asserções específicas, como aquelas recortadas em análise – não diz nada de novo, mas nos faz pensar “corretamente” naquilo que nos é apresentado como algo já sabido: *o capitalismo é uma maneira psicótica e destrutiva de viver na Terra* (KEYNES *apud* MITRT, 2021, p. 11).

Referências

ARBEX, Fernando et al. ESG – a nova cara do capitalismo. **MIT Review of Technology Brasil** [e Salesforce]. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, especial, jul. 2021. Disponível em: https://mittechreview.com.br/wp-content/uploads/2021/07/trbr_special_edition_salesforce_25062021.pdf. Acesso em 03 out. 2022.

BLOG ESCOLA KIDS [Ciências, Portal UOL]. Produção de oxigênio pelas algas e árvores. Rede Omnia, Brasil Escola Serviços em Informática LTDA., Aparecida de Goiânia-GO, s/d. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/ciencias/producao-oxigenio-pelas-algas-arvores.htm>. Acesso em 03 out. 2022.

CARVALHO, André Cutrim. A Metamorfose do sistema capitalista e as leis do movimento do capital, **Cadernos Cepec**, UFPA, v. 2, n. 7, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/cepec/article/download/6862/5399>. Acesso em 03 out. 2022.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Trad. Bras. São Paulo: Boitempo, 2011.

LEITE, Vitor [content writer no Nubank]. O que a sigla ESG quer dizer sobre uma empresa? **Blog Nubank.com.br**. São Paulo, Nu Pagamentos S.A, criado em 23 set. 2020, atualizado em 14 set. 2022. Disponível em: <https://blog.nubank.com.br/esg-o-que-e/>. Acesso em 03 out. 2022.

LOMBARDI, José C. Modo de produção, transformações do trabalho e educação em Marx e Engels. In: LOMBARDI, José C.; LUCENA, C.; PREVITALI, F. S. (Orgs.) **Mundialização do trabalho, transição histórica e reformismo educacional**. Campinas: Librum, 2014, p. 11-59.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista. **Caderno CRH**, v. 26, n. 67, pp. 79-86 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/dZvstrPz9ncnrSQtYdsHb7D/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 03 out. 2022.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental** [Scielo Books]. 3. ed. rev. e ampl. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788526815032>.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. Bras. São Paulo: Boitempo, 2007.

OURIQUES, Helton R. A questão ecológica no capitalismo: uma crítica marxista. **Motrivivência**, UFSC, ano XVI, nº. 22, 19-38, jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/1180/1911>. Acesso em: 03 out. 2022.

PÊCHEUX, Michel. L'étrange miroir de l'Analyse du Discours. **Langages**, Paris, n. 62, p. 5-8, juin. 1981. Disponível em: https://www.persee.fr/docAs-PDF/lgge_0458-726x_1981_num_15_62_1872.pdf. Acesso em: 03 out. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Bras. Campinas: Unicamp, 1995.

PIMENTEL, E. Destruição e devastação do meio ambiente no capitalismo. **Gesto-Debate**, UFMS, v. 2, n. 01-17, 19 set. 2022. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17071/11346>. Acesso em: 03 out. 2022.

RODRIGUES, Eduardo Alves; AGUSTINI, Carmen; BRANCO, Luiza; BARROS, Renata C. B. de (2020). Isso é uma gripezinha – o Brasil em diminutivo. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 310-330. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1729. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1729>. Acesso em: 03 out. 2022.

RODRIGUES, Eduardo Alves; AGUSTINI, Carmen; BRANCO, Luiza C. O luto como funcionamento de linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, p. e021035, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v63i00.8665210>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665210>. Acesso em: 03 out. 2022.